

3 Metodologia

Neste capítulo objetivamos discorrer sobre as características gerais da metodologia empregada nesta pesquisa, além de apresentar os princípios adotados para a seleção dos participantes e os procedimentos para a análise dos dados.

3.1. Características Gerais

O estudo em desenvolvimento consiste em uma pesquisa de base qualitativa no âmbito da microanálise etnográfica do tipo direta ou participante, em que analisamos o ato de fala *ordem* no âmbito do Exército Brasileiro por meio de gravação em áudio de situações-problema em que os participantes simulam o ato em questão em contextos específicos. Logo, pretendemos identificar, descrever, analisar e classificar as expressões empregadas nas ordens nesse meio encontradas no nosso *corpus*. Além das gravações, no item 5.3 *corpus*, explicamos também a necessidade de complementação da pesquisa por meio de um questionário sobre ordens com grupos de informantes do Exército e como esses dados foram trabalhados. A análise deste tema se configura como necessária, uma vez que a *ordem* é muito utilizada no meio militar e deve ser ensinada a um estrangeiro pertencente ao mesmo grupo social, para que este possa se comunicar de uma maneira apropriada em uma interação com um falante nativo.

Lembramos, conforme já mencionado no capítulo da introdução (cf. cap 1), que optamos por uma proposta de análise de enunciados de ordens cotidianas em um quartel. Não é objetivo neste trabalho estudar a ordem em contexto de perigo iminente, pois não existiria uma questão dialógica. Além disso, é muito importante destacar que não vamos tratar do ato de fala “comando”. Os comandos são coletivos, em geral, para tropas e cheios de expressões cristalizadas, muitas delas com o infinitivo, sem possibilidade de escolha de outra forma, como exemplificado no capítulo 1. Já na enunciação de uma ordem, o locutor tem a opção de uma gama de formas de enunciação e vai fazer uma opção em

detrimento de outra baseada no contexto e nas expectativas do grupo social em questão. Lembramos ainda, conforme já mencionado anteriormente (cf. página 38 e 39), que a entonação pode influenciar em uma maior imposição ou suavização da ordem. Porém, a contraparte fonológica não é trabalhada nesta tese, pois não fazemos uma transcrição fonológica das gravações em áudio, mas uma transcrição livre.

A metodologia da microanálise etnográfica é considerada um tipo de pesquisa qualitativa de caráter interpretativista e etnográfico (Erickson, 1992; Chambers, 2000). De acordo com Erickson (1992), pesquisador que desenvolveu este tipo de abordagem metodológica, o principal objetivo de se introduzir a etnografia na pesquisa em contextos educacionais e de estudos da linguagem é de revelar as especificidades da vida cotidiana em microcontextos e de solucionar problemas interacionais envolvidos. Na pesquisa qualitativa, ao contrário da quantitativa, o pesquisador não se preocupa com a quantidade de dados coletados, mas sim com o entendimento de um determinado grupo social pesquisado. Nesse estudo, utiliza-se a observação direta ou participante, já que há o contato direto do pesquisador com o fenômeno observado.

3.2. Os participantes e os critérios de seleção

Como já mencionado anteriormente, este estudo requer uma microanálise etnográfica da interação, envolvendo gravação em áudio das situações-problema que forçosamente levam a uma necessidade de se empregar o ato de fala investigado, utilizando-se a análise de “representações subjetivas dos participantes” Erickson (1992). Essas gravações foram realizadas no ano de 2012, no segundo semestre, entre setembro e outubro, com os militares brasileiros.

Como esta pesquisadora é capitão do Exército Brasileiro e atua como professora de espanhol e de português L2 em um estabelecimento de ensino militar, os participantes das gravações em áudio foram oficiais alunos dos cursos de espanhol do estabelecimento de ensino onde esta pesquisadora trabalha, no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC). Logo, esta teve contato como professora de espanhol com os oficiais informantes das gravações.

A escolha de oficiais de carreira oriundos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) foi feita por se acreditar que militares forjados desde a adolescência em uma instituição militar onde passaram, em média, de cinco a sete anos durante a adolescência em formação militar, não sofrem influência do meio civil na maneira de empregar um ato de fala como a ordem nesse âmbito. Não escolhemos outros militares de carreira que ingressam nessa vida via Quadro Complementar de Oficiais, via pela qual esta pesquisadora ingressou nas Forças Armadas, pois julgamos que este indivíduo já traria a influência desse ato de fala do meio civil, por haver ingressado na Força mais tarde, após graduar-se em uma faculdade. Dessa maneira, acreditamos que este último grupo de militares, por haver sofrido mais influência do meio civil no modo de usar o ato de fala *ordem*, enunciaria mais indiretamente esse tipo de ato diretivo, conforme pesquisas realizadas por Koike (1992). Logo, o grupo escolhido foi o de oficiais militares egressos da AMAN. Portanto, como não há mulheres que cursam a escola de formação da linha bélica, seja de oficiais seja de sargentos, não constam dos informantes a variante de gênero.

Participaram como informantes nas gravações de áudio seis oficiais do Exército Brasileiro, cujo posto variou de capitão a coronel (três coronéis, um tenente-coronel, um major e um capitão). Todos possuem experiência de comando e podemos afirmar que são antigos na Instituição (cf. APÊNDICE 2). Acreditamos que esses fatores: gênero, experiência de comando e anos de serviço podem influenciar na ordem. No entanto, esse trabalho não tem como objetivo fazer um contraponto entre as ordens emanadas por um tenente ou um terceiro sargento inexperiente no EB e as ordens de militares antigos e experientes. Gravamos justamente o áudio de oficiais antigos e com experiência para verificar como ocorria a enunciação destes em contextos específicos, pois estes estão em situação de maior visibilidade como comandantes de Organizações Militares ou assessorando-os diretamente.

Esses militares, no momento das gravações, serviam em quartéis do Rio de Janeiro ou de Brasília e durante os meses de setembro e outubro de 2012 estavam realizando o curso de espanhol no CEP/FDC. Cabe ressaltar que tais militares estavam realizando um curso de espanhol como língua estrangeira, por terem sido designados para alguma missão no exterior e precisarem do aperfeiçoamento dessa língua para comunicação no país para o qual estavam de mudança.

No momento da gravação em áudio, as situações-problema foram lidas por esta pesquisadora a cada informante individualmente e cada um, sem ter tido contato com o outro informante, proferiu seus enunciados que foram gravados, transcritos e analisados.

Numa segunda fase da investigação, foi passado um questionário (cf. APÊNDICE 4). Este foi passado para vinte informantes: dois tenentes-coronéis, seis maiores, oito capitães, dois subtenentes, um primeiro-sargento e um segundo-sargento, todos militares de carreira. Os dezesseis oficiais passaram pela formação na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e os dois subtenentes, o primeiro-sargento e o segundo-sargento, ou seja, as quatro praças passaram pela formação na Escola de Formação de Sargento. Assim como nas gravações de áudio, os motivos pela escolha de oficiais oriundos da AMAN são os mesmos já expostos. Nesta sondagem, listamos seis enunciados retirados das gravações e o objetivo era que os militares escolhessem aquele enunciado que empregaria de acordo com a situação-problema. O informante também tinha que escolher o que não usaria, justificando por que não. Neste questionário não eliminamos as praças, já que estas também dão ordens aos mais modernos.

Na fase, nas gravações em áudio, nos interessou gravar as situações propostas com oficiais por estarem muitas vezes em situação de dar ordens. Já as praças, além de darem ordens aos mais modernos, recebem muita ordem dos mais antigos. Logo, fizemos esta opção por oficiais nas gravações em áudio. No entanto, no questionário nos interessou saber a opinião de todos independentemente: oficiais e praças. As praças também passam por uma formação militar, mas de um ano apenas, aplicada a homens entre 19 e 23 anos, que passam em um concurso público, cuja escolaridade mínima é o nível médio. Como mencionado anteriormente, nesse novo grupo de informantes não configuravam mulheres, pois estas ainda não cursam escolas de formação da linha bélica. Além disso, todas as praças eram muito antigas no EB, com no mínimo 20 anos de serviço (cf. APÊNDICE 4).

Este grupo de informantes, oficiais e praças, também estavam fazendo curso de espanhol como língua estrangeira do CEP/FDC durante os meses de coleta de dados, entre maio e julho de 2014. Também tiveram contato com a pesquisadora, pois estes foram seus alunos de espanhol, serviam em quartéis espalhados pelo Brasil e estavam realizando esse curso de espanhol porque também tinham sido

designados para alguma missão em algum país em que o espanhol é a língua oficial, assim como todos os informantes anteriores.

Cabe ressaltar que esses dois grupos de informantes, o da gravação em áudio e o do questionário, tratam-se de indivíduos diferentes, visto que a primeira e a segunda fase da pesquisa foram aplicadas em turmas distintas de alunos, em turmas que se sucederam.

3.3.

O Corpus

Com relação ao *corpus* propriamente dito desta pesquisa, na primeira parte da coleta de dados, como instrumentos de observação, foram utilizadas gravações em áudio da situação investigada e na época da coleta das gravações foi passada uma ficha para o levantamento do perfil do informante. Nessa ficha o informante deveria preencher dados relevantes como idade, posto e tempo de serviço.

Portanto, neste trabalho nos utilizamos da análise das representações subjetivas dos participantes, ou seja, foram elaboradas determinadas situações para que os sujeitos investigados pudessem simular de um modo verossímil o que se estava solicitando. Foi pedido aos informantes para criarem enunciados orais, que tinham relação com o ato de fala *ordem*, o mais natural possível, a partir de situações pré-determinadas, sendo o objetivo da pesquisa previamente revelado. Essas enunciações foram gravadas em áudio ao longo das apresentações dos informantes, de acordo com cada proposta de situação-problema dada por esta pesquisadora. Essas gravações ocorreram em uma sala de aula do CEP/FDC, quartel em que os informantes estavam. Os perfis e a quantidade desses informantes já foram anteriormente descritos (cf. 3.2). Os militares foram gravados individualmente e não tiveram contato um com o outro nesse momento.

As situações-problema do ato de fala *ordem* obedeceram aos seguintes contextos situacionais de análise, parâmetros de poder e distância social:

(1) Imagine-se dando uma ordem a um subordinado. Esta ordem é urgente e tem a ver com a organização de uma cerimônia que haverá no quartel. Atenção: Existe uma grande distância hierárquica entre superior e subordinado. Como falaria nesse caso?

(2) *Imagine-se como um superior dando uma ordem a um militar da mesma patente que a sua. Esta ordem é urgente e tem a ver com a organização de uma cerimônia que haverá no quartel. Atenção: Os dois militares trabalham juntos há muito tempo e são amigos. Como falaria nesse caso?*

(3) *Imagine-se dando uma ordem a um subordinado. Agora, esta ordem não demanda urgência e tem a ver com algo da rotina militar. Atenção: Existe uma grande distância hierárquica entre superior e subordinado. Como falaria nesse caso?*

(4) *Imagine-se como um superior dando uma ordem a um militar da mesma patente que a sua. Agora, esta ordem não demanda urgência e tem a ver com algo da rotina militar. Atenção: Os dois militares trabalham juntos há muito tempo e são amigos. Como falaria nesse caso?*

Cabe ressaltar que para cada situação comunicativa existe uma intenção. Nas situações 1 e 3 o fator *poder* entre o superior e o subordinado é alta, mas o que muda é o contexto, entrando em jogo a premissa *escassez de tempo* na primeira situação, além da organização de um evento fora da rotina do quartel. Já no par 2 e 4, os interlocutores possuem a mesma patente, ou seja, o fator *poder* é baixo e entra em cena também o fator baixa *distância social*¹⁴, visto que os dois têm uma boa relação, conhecem-se há muito tempo como colegas de trabalho e são amigos. A diferença é que na segunda situação está presente também o fator *escassez de tempo* para organização de um evento fora da rotina do quartel.

Depois de gravadas em áudio, todas essas situações foram transcritas para a análise. A partir da observação da transcrição, recolhemos as expressões referentes ao ato de fala ordem, a fim de analisá-las, segundo a nossa classificação proposta. Com isso, pudemos sistematizar as mais usadas, de acordo com os fatores urgência e contexto; grau de poder; e grau de distância social. Dessa maneira, pudemos elencar enunciações de ato diretor e de ato subordinado com

¹⁴ Conforme mencionado na introdução deste trabalho, lembramos que quando tratamos de distanciamento social, referimo-nos a situações em que não há laços de amizade nem de camaradagem. Não tem relação com indivíduos de classe social diferente.

maior ou menor diretividade, além da presença de reforçadores impositivos e/ou suavizadores. Cabe ressaltar também que a própria elaboração da nossa proposta de classificação da ordem se derivou e se aperfeiçoou a partir dessa observação da transcrição dos áudios

Optamos aqui por uma transcrição livre, tentando apenas registrar a fala, sem uma maior preocupação com elementos da análise da conversação expressas no texto transcrito, como pausas específicas, hesitações, entonações etc., uma vez que não é este o objetivo deste trabalho. A transcrição funciona apenas como uma base de dados de onde retiramos as expressões do ato de fala estudado. Além disso, a ficha do perfil do informante foi útil para auxiliar na análise dos dados dos militares envolvidos. Quanto às transcrições, estas foram anexadas à versão final da pesquisa, assim como os dados da referida ficha (cf. APÊNDICE 3).

Quanto à segunda parte da coleta de dados, surgiu o último instrumento que nos ajudou na análise, o questionário de sondagem (cf. APÊNDICE 4). Este questionário foi passado a um grupo de informantes (cf. 3.2) e foi fundamental para a comprovação dos tipos de ordens mais usados em cada uma das quatro situações trabalhadas.

Conforme APÊNDICE 4, podemos observar que esse questionário foi montado com base nas quatro situações usadas nas gravações, descritas anteriormente nesta seção. Em cada situação o informante deveria marcar uma das seis opções de ordens que utilizaria. Todos os seis enunciados eram iguais para as quatro situações, a fim de que pudéssemos ter um parâmetro de comparação. As seis sentenças foram escolhidas do *corpus* das transcrições e foram, respectivamente, dois exemplos de ordem direta impositiva; dois de ordem indireta impositiva; e dois de ordem indireta suavizada. Não figurou exemplo de ordem direta suavizada, pois não foi encontrada no *corpus* nenhuma sentença com a estrutura verbal diferenciada para a referida categoria. Este tipo de ato consta da estrutura verbal da ordem direta impositiva com expressões suavizadoras de cortesia como “por favor”, “por gentileza”, “por obséquio” etc. no próprio ato central.

Logo, para não ficar um instrumento de sondagem longo e com itens parecidos para o informante escolher, preferimos retirar a categoria direta suavizada da sondagem e nos restringirmos a esses seis enunciados, distribuídos pelas outras três categorias citadas. Além disso, a escolha dos enunciados ocorreu

com base nas duas estruturas mais frequentes de cada tipo presentes nas gravações. O informante também deveria marcar o inverso, ou seja, deveria marcar o enunciado que não usaria naquela situação entre os seis elencados e justificar a escolha.

3.4. Teste do Sinal

Para a análise do questionário foi utilizado um teste não-paramétrico para pequenas amostras, interessante para comprovação de análise de dados em pesquisas qualitativas, denominado “teste do sinal”. Este é um teste não-paramétrico porque testa situações diferentes de parâmetros populacionais. Estas situações podem ser de relacionamentos, modelos, dependência ou independência e aleatoriedade em pesquisas de caráter qualitativo.

Segundo Siegel e Castelan Jr., 2006, o teste do sinal recebe esse nome pelo fato de usar os sinais “+” ou “-” em vez de medidas quantitativas. Em uma análise qualitativa, como no caso desta tese, a mensuração quantitativa é inexequível. No entanto, o teste do sinal é útil quando pretendemos identificar se duas condições, observações ou situações podem ser consideradas diferentes ou não em algum sentido. Esse teste não faz qualquer suposição sobre a forma de distribuição das diferenças encontradas. A única exigência é que dentro de cada par de condições/observações/situações se tenha feito a combinação de acordo com as variáveis estranhas relevantes. Em resumo, este teste tem a vantagem de poder ser aplicado em dados de tipo dicotômico que não podem ser registrados em uma escala numérica, mas que podem ser representados por respostas negativas ou positivas, ou seja, o teste em questão pode ser usado em trabalhos em que são registrados resultados qualitativos do tipo “aceitação” ou “rejeição”.

Como já mencionado na seção anterior, vinte militares foram submetidos a esse questionário (cf. APÊNDICE 4), no qual foram utilizadas as quatro situações-problema propostas neste trabalho, e os enunciados para estas ordens foram apresentados de maneira hierarquizada, variando desde a forma direta impositiva até a forma indireta suavizada. Esse teste foi aplicado, pois queríamos uma comprovação de dados diferenciada, ou seja, diferente do que as pesquisas na área da linguagem puramente qualitativas costumam mostrar. Queríamos mostrar algo

mais, baseado em um teste estatístico. Com a escala utilizada no teste foi possível comparar situações de interesse neste estudo e expressar a diferença entre as respostas por um sinal (+ ou -). Siegel e Castelan Jr. (2006, p.29) afirmam que:

[...] nosso procedimento é rejeitar H_0 [hipótese nula] em favor de H_1 [hipótese alternativa] se um teste estatístico dá um valor cuja probabilidade é menor ou igual a alguma pequena probabilidade, usualmente denotada por α . Esta probabilidade é chamada de níveis de significância. Valores comuns para α são 0,05 e 0,01.

Sendo assim, dentre esses dois valores comuns de referência para α , adotamos o de 0,05 e acreditamos que este valor considerado foi suficiente para a aceitação ou rejeição da H_0 nesta pesquisa.

Já a forma como o superior emite ordens aos subordinados, esta foi explorada em quatro situações neste teste, levando-se em consideração as seguintes características, a saber:

- (1) A ordem é urgente e existe grande distância hierárquica entre superior e subordinado;
- (2) A ordem é urgente e existe pequena distância hierárquica entre superior e subordinado;
- (3) A ordem não é urgente e existe grande distância hierárquica entre superior e subordinado; e
- (4) A ordem não é urgente e existe pequena distância hierárquica entre superior e subordinado.

Como em cada situação são explorados dois fatores essenciais, urgência na ordem e distância hierárquica – este último conjugado com a proximidade social –, as hipóteses a serem testadas estipularam um confronto entre as situações, mantendo uma característica comum e outra distinta, com o objetivo de averiguar a existência de diferentes discursos/enunciados nos fatores distintos das situações. Assim, temos, na parte do questionário sobre a ordem que o militar utilizaria em cada situação-problema, os seguintes testes de hipótese:

(I) 1º teste de hipótese:

Hipótese nula - H_0 : os subordinados com pequena distância hierárquica e os com grande distância hierárquica recebem o mesmo tipo de ordem quando a situação é urgente.

Hipótese alternativa - H1: os subordinados com pequena distância hierárquica recebem ordem mais suavizada que os de grande distância hierárquica, quando a situação é urgente.

(II) 2º teste de hipótese:

Hipótese nula - H0: as ordens em situação sem urgência e em situação com urgência são do mesmo tipo, quando são direcionadas a subordinados com grande distância hierárquica.

Hipótese alternativa - H1: as ordens em situação sem urgência são mais suavizadas que as ordens em situação com urgência, quando são direcionadas a subordinados com grande distância hierárquica.

(III) 3º teste de hipótese:

Hipótese nula - H0: as ordens em situação sem urgência e em situação com urgência são do mesmo tipo, quando são direcionadas a subordinados com pequena distância hierárquica.

Hipótese alternativa - H1: as ordens em situação sem urgência são mais suavizadas que as ordens em situação com urgência, quando são direcionadas a subordinados com pequena distância hierárquica.

(IV) 4º teste de hipótese:

Hipótese nula - H0: os subordinados com pequena distância hierárquica e os com grande distância hierárquica recebem o mesmo tipo de ordem quando a situação não é urgente.

Hipótese alternativa - H1: os subordinados com pequena distância hierárquica recebem ordem mais suavizada que os de grande distância hierárquica, quando a situação não é urgente.

Pelo teste do sinal aplicado nas informações do questionário, obtivemos o seguinte resultado, analisado no capítulo 4:

Teste de Hipótese	Teste do sinal (P-valor)	Decisão
1	0,07	Não se pode rejeitar H0
2	0,50	Não se pode rejeitar H0
3	0,11	Não se pode rejeitar H0
4	0,01	Rejeita-se H0

Fonte: Pesquisa para informantes brasileiros realizada no CEP/FDC – DATA

Obs.: Critério de decisão para p-valor maior que 0,05, não se pode rejeitar H0, conforme explicado no início desta seção.

Quadro 2 - Resultado do Teste do Sinal

Com esses instrumentos, logramos analisar, confrontar, relacionar, apresentar e classificar os padrões linguístico-comportamentais e interacionais dos militares brasileiros com relação ao ato de fala *ordem*, levando-se em consideração diferentes contextos situacionais e fatores como urgência, poder hierárquico e distância social como ato de ameaça a face (AAF). Com isso, comprovamos que, além das estruturas linguísticas, características culturais, ritualísticas e de interação em diversos contextos devem ser transmitidas aos alunos que aprendem uma língua estrangeira. Inclusive, atos de fala, que envolvem o trabalho de certo grupo social como o militar, devem ser levados em consideração quando ensinado o português como L2, não bastando que somente se traduzam estruturas da língua materna (LM) para a língua alvo, utilizando-as com base nas características culturais da LM. Afinal, cada língua pertence a um povo diferente, com cultura subjetiva e expectativas interacionais distintas, que precisam ser levadas em consideração durante o discurso.